

NA ENCRUZILHADA¹

Ferreira Neto

Ao Padre Augusto Horta



[6]² Estamos em Umbiroga, pequena aldeia de Piedade, arcaica, cheia de ranço, de fanatismos e superstições.

Disseminadas, pequenas casinholas — umas cobertas de palha de buriti e de sapé; outras cobertas de telhas velhas, empretecidas ou bolorentas; enormes quintais, unidos, ligados entre si, em grande extensão e sem solução de continuidade.

Umbiroga ainda continua a ser, até hoje, habitada por um povo atrasado, aferrado às velhas credices e costumes desusados de nossos avoengos. Um povo completamente alheio a tudo quanto é progresso, a tudo quanto é modernismo e civilização. Uma ideia pujante, de efeito real e produtivo, lançada em Umbiroga, teria a mesma germinação de uma semente em plena laje.

Os principais dirigentes da terra formavam um esquisito triunvirato: o boticário, o inspetor e o vendeiro. Havia também, à guisa de fiscal do

¹ FERREIRA NETO. Na encruzilhada. *O Malho*. Rio de Janeiro, ano XIX, n. 892, p. 6, 18 out. 1919.

² Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

tríduo, o Manuel Luango, fazendeiro dos arredores, que teimava, à socapa, em aumentar o triunvirato, transformando-o em forte quarteto.

Os nossos três homens não desconheciam esses sonhos do Luango e não viam com bons olhos as pretensões inveteradas desse candidato sem valor moral; tinham-no em conta de muito bruto, muito tabaréu e... de muito covarde! Por isso, hostilizavam-no sempre que podiam, pondo à mostra, por entre desapiadada chacota, a sua covardia, nunca desmentida. Diziam que o Luango não se achava habilitado a fazer política, porque, uma vez o sol posto, não arredava pé de casa, temendo as almas do outro mundo.

E, de fato, tinham razão.

Manuel Luango era um verdadeiro e lídimo representante do Medo — e isto na mais ampla e cristalina acepção do vocábulo. Não gostava de frequentar essas buliçosas fogueiras de S. João; tinha verdadeira idiosincrasia por todos os folguedos noturnos. E nutria horror a esses poetas improvisados que, aboletados nos troncos de madeira, em derredor das fogueiras, palradores contumazes, dedilhando violas ensebadas, enfeitadas de fitas multicores, a esfuziarem versos estropiados, em desafios cantantes, citando a figura lendária e diabólica de Manuel do Riachão. Isso fazia-lhe mal aos nervos; produzia-lhe pela espinha dorsal frissons mortais, que ele, a pulso e sem resultado imediato, procurava reprimir. E, se ficava ainda a tremer e a suar, esperava que os galos amiudassem o canto e a madrugada aparecesse para regressar à fazenda.

Mas, para não ficar ali, exposto à chacota do meio atrasado e mau, ia para o terreiro do brinquedo, e, quando refervia o recortado, picotado de sapateios estonteantes e palmas ritmadas, ele criava alma nova; sentia que

o entusiasmo lhe renascia aos poucos, como se lhe tivessem inoculado sangue novo.

Fugia dos serões onde as anedotas tétricas medravam sempre!

Quando ouvia o princípio de uma narrativa que tivesse por pedra angular o fetichismo do meio, a bruxaria arraigada e atoleimada daquele centro, o pacto com o diabo, lobisomem e quejandas assombrações, ele se erguia, meio desapontado, e pronunciava logo:

— Vanceis tudo, boas noite!...

E saía, precipitadamente.

Por mais de uma vez tentara reagir. Baldado intento. O mal estava na massa do sangue...

E, no entanto, Manuel Luango não era um homem raquítico e enfezado; ao contrário, orçava pelos 50 anos e era um tipo forte, escoreito, de compleição robusta. Tinha o tórax avantajado, atlético, e o pulso respeitado por mais de quatro rapagões das adjacências. Gabava-se de ser um peão sem igual naquelas três léguas mais chegadas; do seu velho lombilho, bordado com a pele arruivada da jabotirica, não saía facilmente, mesmo que montasse uma dessas afamadas bestas de Sorocaba.

Mas o Luango, sobre ser um indivíduo possante e respeitado, tinha o seu ponto fraco: o medo de almas perdidas. E era esse o busílis que os seus três rivais de supremacia local malhavam. E malhavam-no desapiedadamente.

Quando ia à Piedade — três léguas ao sul — tinha ele o cuidado de perguntar, sacramentalmente, de casa em casa:

— Tô ino pra cidade. Qué alguma coisa?

E atropelavam-no, nessas horas, com uma aluvião de encomendas, que ele trazia, pontualmente.



Um dia, como de costume, andou de porta em porta, repetindo o velho estribilho:

— Tô ino. Se qué alguma coisa, é só mandá.

— Olá! Muito bem aparecido! — respondeu-lhe o boticário, velha raposa matreira — Traga-me dois quilos de carbureto de cálcio.

— O quê?! Não entendi direito, siô farmacête.

— Dois quilos de carbureto. Leve esta nota de cinco mil réis, e o troco pode ser convertido em fumo desfiado, do Silva & Pinna, do Rio, que é o melhor.

— Epa! Tá direito! O que é que a gente tê istudo! Ainda não foi pussível comprehendê! Xô vê: dois quilo no tamburete, com cinco mil réis enfiado no espinho do rio... Apois não é que tô sem sabê nada! Escreve aí num biête a recadama, tudo pru junto e arreunido. Arguém lá há de arrumá o negoço.

— Perfeitamente. Vai escrito ao Maia.

— Tá bão! Até a vorta que é aminhã, si Deus quizé...

— Boa viagem!

— Amém!

E saiu, picando o Baio, numa andadura chora mulata!



No dia seguinte, Luango só conseguiu ser despachado à noitinha, tal a quantidade de negócios e encomendas de que o haviam incumbido.

O Sr. Mello deu-lhe dois pacotes que foram escrupulosamente guardados na capanga, à garupa do Baio. E o Luango, ao deixar a cidade matutou:

— Epa! Tá tarde demais! A encruziada não é brincadeira de ninguém. Amode que foi lá c’o compadre Arve viu o tar de homem de fogo, na Coresma! Hoje é sexta-feira, e é dia aporpiado por essas intrujice... Lá se avenha! O Baio não se arrebrica, e, cum pôco, avôa esse caminhão, num ato... Bamo!

Montou e partiu, num galope aberto.

Quando subiu a pequena serra pedregosa, a cavaleiro da cidade, meteu o Baio a passo e aproveitou esse lapso para picar um cigarro de palha.

— Bamo a vê si o fumo do Amerco é bão mêmo cumo ele disse! Tá meloso, preto e tem grossura respeitáve...

A noite havia descido há muito. A temperatura muito elevada prometia forte aguaceiro. Alguns relâmpagos sulcavam a abóbada enegrecida, clareando o caminho.

Avizinhava-se a fatal encruzilhada, e o nosso Luango, meio a tremer, já antevia o “homem de fogo”, de braços abertos, interceptando o caminho. Um relâmpago mais forte rasgou as trevas.

— Nossa Senhora! Bamo, Baio! Corre!

O cigarro, atravessado no queixo, ainda estava apagado. Parou o Baio e procurou a caixa de fósforos.

As primeiras bátegas começaram a cair, chiando no espaço. De repente, o Luango sentiu algo de suspeito. O Baio, sempre cordato e dócil à

voz do dono, começou a andar de roda, agilmente, envergando-se todo, e a escoicear no vácuo, de quando em quando. Um cheiro acre, esquisito, começou a perturbar e afligir o nosso herói.

— É inxofe! É inxofe!

E o Baio, sentindo cada vez mais o efeito destruidor da sua tranquilidade, produzido pela chuva no carbureto, começou a corcovear em círculo.

Luango teve um rasgo de coragem. Quis verificar a causa daquilo e ... esfregou o fósforo!

Um clarão enorme, azulado, produzido pelo gás inflamado, furou as trevas! O Luango teve um arranco desesperado e não resistiu à fúria do Baio. Meio desacordado, foi arremessado para dentro de uma valeta, contundindo-se no gorgulho.

O Baio, livre do obstáculo, partiu bufando, numa corrida louca, desesperada, deixando pelo caminho os pedaços do lombilho, pondo Umbiroga em verdadeira polvorosa. Foram diversos grupos à cata do Luango. Encontraram-no na valeta, ensanguentado e meio aparvalhado.

— O que foi, seu Mané? — perguntaram-lhe, solícitos, os amigos e compadres.

— Depois, o que havêra de sê? Foi o Sujo que me apareceu aqui, c'uma luminára danada pamóde alumiá o cavalo, e me ferrou uma dentada n'anca dele e me emborcô neste socavão!! Quasi me mata!! Curuis! Credo!

E todos se benzeram.

Trouxeram-no para Umbiroga, em estado lastimável.

O Baio ainda soprava, de ventas dilatadas e espantadiço. Cercaram-no os curiosos de Umbiroga. Na anca, encontraram uma esfoladura enorme, preta e mal-cheirosa.

— Epa! Que dentadura danada tem o diabo! Ou é a dentadura ou os xife!...



O único que podia explicar essa aventura era o boticário. Todavia, julgou prudente acompanhar a opinião do poviléu...



FICHA TÉCNICA

Coordenação geral: Júlio França e Oscar Nestarez
Coordenação de pesquisa: Daniel Augusto P. Silva
Revisão textual: André Azevedo de Alvarenga
Preparação: Malu Schocair
Comunicação digital: Rebeca Riga
Design gráfico e redes: Renata Luz e Ana Giulia Mussury

Tênebra

Biblioteca digital de
narrativas obscuras
brasileiras

